

---

## **Jornalismo e Diversidade: As representações da transexualidade na Folha de S. Paulo nos anos de 2010 e 2020<sup>1</sup>**

Izabela MORVAN<sup>2</sup>  
Jully MENDES<sup>3</sup>  
Lígia PARIZE<sup>4</sup>  
Paula BULKA<sup>5</sup>  
Hendryo ANDRÉ<sup>6</sup>

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

### **RESUMO**

O trabalho busca analisar as diferentes formas que a transexualidade é representada no jornalismo brasileiro. Para isso, foi utilizado como objeto de estudo as matérias da Folha de S. Paulo dos anos de 2010 e 2020 relacionadas ao tema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Transexualidade; Representatividade; Folha de S. Paulo; Jornalismo.

### **INTRODUÇÃO**

- Entender as representações sociais de transexuais no jornal Folha de S. Paulo.

### **TRANSEXUALIDADE E REPRESENTAÇÃO SOCIAL**

A partir da segunda década do século XXI tornou-se cada vez mais corriqueira a discussão de questões acerca de grupos que estavam constantemente à margem dos olhares da sociedade. Agora, é muito mais normal que as problemáticas que envolvem determinados grupos sejam discutidas e se transformem em objetos de estudo. Com a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3.º semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: [izabelamorvan@ufpr.br](mailto:izabelamorvan@ufpr.br)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 1.º semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: [jully.mendes@ufpr.br](mailto:jully.mendes@ufpr.br)

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 3.º semestre do Curso de Relações Públicas da UFPR, e-mail: [ligiaparize@ufpr.br](mailto:ligiaparize@ufpr.br)

<sup>5</sup> Estudante de Graduação 1.º semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: [paulabulka@ufpr.br](mailto:paulabulka@ufpr.br)

<sup>6</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: [hendryo@ufpr.br](mailto:hendryo@ufpr.br)

---

questão da transexualidade não foi diferente, porém, nota-se que esse assunto ainda é debatido pela comunidade científica muito abaixo do esperado.

Segundo Dias (2015), a comunidade científica passou a pesquisar sobre a temática de forma tardia, iniciando a produção apenas nos últimos 50 anos. No Brasil o caso ainda foi pior, os estudos começaram apenas a partir de 1997 e, mesmo assim, de forma muito tímida.

“O banco de dados sobre o qual incide esta pesquisa acerca da Transexualidade na produção científica brasileira limitou-se às teses e dissertações defendidas entre 2003 e 2013 incluídas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) até Janeiro de 2014, contemplando diversas Universidade do Brasil. [...] Observamos também que anterior a 2003 constavam três publicações referentes à transexualidade, sendo estas de 1995, 1997, 2001, a primeira da área do direito e as duas posteriores da antropologia.” (DIAS, 2015, p. 22)

Ou seja, até pouco tempo atrás o assunto era ignorado até mesmo por especialistas. Ainda sob a ótica de Dias (2015), nota-se que é importante recorrer a mais pesquisas sobre esses assuntos, visto que, é por meio delas que é possível trabalhar para resolver as consequências negativas que a marginalização do grupo traz para seus pertencentes desde as questões familiares a elaboração de políticas públicas para o grupo. Dessa forma, percebe-se que essa falta de conversas sobre o tema gera uma invisibilização que se alastra para outras esferas da sociedade.

Quando o assunto é a falta de representação da transexualidade e a travestilidade entre os indivíduos, um campo que se torna bem suscetível a críticas é o midiático. Sobre a centralidade da mídia e como são abordadas pessoas mais subalternas, a minoria, França (2001, apud MORAES, 2018) ressalta:

“Se conhecemos (e não é preciso encarecer aqui) a centralidade da mídia na sociedade contemporânea, seu papel na construção das representações coletivas, sabemos também que esse(s) outro(s) não ocupa(m) aí um lugar de destaque: não estão presentes na primeira página dos jornais, nos telejornais, nas telenovelas - pelo menos não enquanto atores principais, heróis positivos, encarnando os bons valores que nos unificam e estabelecem nossa identidade. Eles são sim encontrados, mas em outros lugares - com frequência nas páginas policiais e em alguns programas televisivos de cunho popular/popularesco - ligados a crime, droga, violência. Aprendemos a naturalizar essa distinção de lugares. Mas se fizermos um esforço de estranhamento, constatamos que é no mínimo impressionante como tais associações - com crime, violência, ruptura - está colada à imagem do nosso “outro” social. Imagens que revelem outros aspectos do que

---

eles são, de sua vivência, do seu lugar, não têm relevância social, nem midiática.” (FRANÇA, 2001, p. 4)

Baseando-se em França (2001), Moraes (2018) vê no jornalismo uma possibilidade deste ser um instrumento “para o desengessamento de identidades, para a fissura de representações violentas, para a emergência de novas formas de olhar.” Se coloca bastante importante pensar possibilidades positivas da representação midiática, pois De Baére e Conceição (2018), apontam para o reforço negativo da mídia, que segundo eles, aborda “concepções dualistas [...] que não abarcam outras orientações sexuais e identidades de gênero não binárias”. Isso fortalece a criação de visões negativas, como apontado por Saleiro (2013, apud NASCIMENTO, 2019) essa “visibilidade negativa [...] amplia a desconfiança em torno das pessoas trans, subvertendo a realidade social, pois o segmento, ao contrário de “algoz”, é vítima de exclusão; mais vulnerável à discriminação e à violência.”

Nascimento (2019) aborda também o uso de palavras que demarcam a diferença e de certa forma, a distância entre enunciadores e enunciado “demarcar fronteiras (nós e “eles”), adjetivar (bons e “maus”), normalizar (somos “normais”, eles, “não”)), vemos como isso pode afetar a compreensão de quem lê. Perante a interpretação da sociedade, Nascimento (2019) também aborda as redes de significação da sociedade, “insistem em nomear grupos e relações criando uma dinâmica de padronização que afeta os indivíduos trans. O desconhecimento de quem são, marginaliza suas diferenças produzindo valorações negativas e intolerâncias.” Assim, cria-se uma interpretação por associação nos indivíduos sociais que é difícil de ser rompida, nesse contexto, abordaremos as considerações dos autores sobre a criação de um cenário diverso.

Para Nascimento (2019), “o cenário da diversidade é criado quando os indivíduos que não se enquadram às normas heterossexuais rompem a doxa e ampliam o espaço”, nesse contexto Santos e Mattos (2020) elucidam:

“[...] o sentido é, assim, construído pelo sistema de representação o, que não o é um reflexo do social, mas uma constituição da cultura, que leva marcadores que contribuem para a manutenção da ordem social e reproduz binarismos que constroem e/ou estabelecem as normalidades e assimetrias.”

Assim, Santos e Mattos (2020), ressaltam que “a telenovela produz significados e sistemas simbólicos sobre os quais são reproduzidas representações, que incidem sobre as identidades”. Já no âmbito musical, De Oliveira (2018) resalta que, “num país

que mais mata travesti e transsexuais no mundo, o canto periférico de Linn da Quebrada vem rompendo com a “moral Geni”. Onde observamos também, outra possibilidade de construção midiática positiva. Contudo, Saleiro (2013, apud NASCIMENTO, 2019) sobre a representação trans, “observa que os enfoques dos filmes eram associados a personagens desequilibradas, perigosas e até mesmo assassinas”. Ponto que é bastante ressaltado no documentário *Revelação* (2020) da Netflix.

## **TRANSEXUALIDADE E JORNALISMO**

A Folha da Noite, o primeiro dos três periódicos que viriam a compor a Folha de S. Paulo, foi fundada em 1921 em oposição ao jornal Estado de S. Paulo, que exibiu um posicionamento conservador e alinhado com as elites agrárias. O público alvo do jornal, até então vespertino, era predominantemente a classe média “com destaque para o funcionalismo público e segmentos do pequeno comércio, veiculando uma visão urbanística e modernizadora, em dissonância com os ideais predominantes da oligarquia agrária que governava o país” (BAHIA, 1990, apud MELO, 2013, p. 196). Subentende-se, então, um periódico que desde a sua concepção já atendia um caráter de oposição e com um foco maior na população comum.

Mais adiante, depois das reformas do jornal na década de 60, a Folha de S. Paulo vai assumindo aos poucos um teor opinativo, focando também na produção de reportagens e, em pouco tempo, torna-se um dos maiores impressos da história do país. O peso simbólico dessa conquista, que perdura até hoje, faz do jornal paulista uma referência na produção midiática brasileira. Desse modo, qualquer equívoco publicado pode servir como espelho para a opinião pública distorcida e propagação de informações corrompidas em outras mídias e veículos. Tratando-se especificamente sobre a visibilidade e representação da população LGBTQIA+:

“Tanto a Parada [LGBT] quanto seus atores, sobretudo LGBT, recebem uma acentuada visibilidade no jornal Folha de S. Paulo. Dada a história pregressa desse periódico, [...] em muitos momentos, o grupo empresarial que dirige a Folha esteve interessado em cobrir assuntos que aproximasse o jornal do grande público. [...] Entretanto, em nenhuma de suas fases históricas, esse jornal esteve oficialmente ligado a um projeto de visibilidade de minorias, muito menos a ações ativistas de LGBT.” (MELO, 2013, p. 291)

---

Uma das personalidades atuais de maior destaque ligadas à Folha é a conceituada cartunista Laerte que, em 2010, tornou pública a sua transexualidade. A artista recorrentemente aborda, nas suas publicações no jornal, as questões de gênero, feminilidade e auto descoberta: “Veículos midiáticos procuram Laerte e abordam o seu processo de transição para o gênero feminino ou a transgeneridade em si; ao mesmo tempo a cartunista constrói sua subjetividade trans também no processo de revelar-se nessas interações com a mídia” (BUCCHIONI, 2016, p. 51). Quando questionada por Bucchioni (2016, p.53) sobre a abordagem superficial e estigmatizante da transgeneridade na Folha de S. Paulo a cartunista afirma: “eu não uso o meu espaço na Folha para fazer um discurso. Eu não uso de forma sistemática, evidentemente eu coloco coisa de transgeneridade de muitas formas, até quando eu me auto represento nas histórias, nas tiras.”

Apesar disso, ao analisarmos as representações de pessoas e identidades trans no contexto da Folha, nos anos de 2010 e 2020, encontramos diversas conotações, por vezes negativas, no uso dos verbetes ligados à comunidade trans. Sendo essas menções muitas vezes carregadas por uma certa estereotipização, de características negativas que tendem a delimitar a interpretação pública de um grupo social (HALL, 2019), nesse caso, pessoas travestis e transexuais.

A persistência na generalização dos termos relacionados desses grupos, transforma o imaginário popular dificultando cada vez mais uma representação correta nos veículos de comunicação sobre essas pessoas. No começo da década de 2010, é possível encontrar matérias, disponíveis no arquivo digital da Folha, onde no título é usada a palavra “travesti” de forma errônea à identidade de gênero do entrevistado, ou até mesmo, apelativa ao interesse do público. Segundo Augusto (2012), a utilização do sexo e gênero como um objetivo determinante da conduta de uma pessoa - incluindo seus aspectos biológicos - é reverberada de forma recorrente, principalmente por indivíduos que não possuem nenhuma instrução ou interesse no aprendizado sobre o tema.

“Sexo e gênero são formas de construção social, [...] ambos são construtos sociais que são definidos nas sociedades de acordo com normas e regras, por tal motivo, é que existem diferenças entre as normatizações entre cada sociedade. Tais modelos de pensar e agir tornaram-se tão naturalizados, que os participantes da cultura apenas os seguiam, e ainda os seguem, sem muitos questionamentos sobre os

---

motivos que levaram a alguns deles. Ideias generalizantes sobrepujaram a possibilidade de interpretação pessoal e, desta forma, os indivíduos tornaram-se reféns de conceitos pré-concebidos para quase todas as partes da vida.” (AUGUSTO, 2012. p. 121)

Dita intervenção - direta ou indireta - dos meios jornalísticos à transexualidade, pode ser vista como um reflexo da visão do leitor acerca do assunto, baseando-se na teoria que afirma que as notícias são como são porque a realidade assim as determina (TRAQUINA, 2020). Logo, os jornais seriam o “espelho” que traduz o cenário da sociedade e, conseqüentemente, a representação habitual da comunidade trans nos veículos jornalísticos é fortemente referenciada à violência que corpos transexuais sofrem.

“De maneira geral, o jornalismo age de maneira muito infeliz, onde o recorte realizado pela reportagem busca a todo custo manter as travestis em um espaço abjeto e de violência. Aparentemente, não há respeito à preservação da identidade e da ampla defesa, onde todo gesto realizado pelas travestis vira alvo de ironização e/ou chacota.” (FREITAS, CARVALHO, 2019. p.5)

Sendo o Brasil o país que mais mata pessoas trans no mundo, a imprensa - em destaque os veículos de circulação nacional -, que constantemente na sua cobertura jornalística de reportagens, associa travestis e transexuais à violência e marginalidade, tende a se mostrar como “isenta” da responsabilidade, perante a opinião pública, e por vezes, servindo como catalisadora na difusão dessa imagem à sua audiência sobre a comunidade trans (PICCHIAI, 2019).

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS - Hendryó**

**ANÁLISE** - Apresenta a planilha e confronta com o referencial teórico

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

## **REFERÊNCIAS**

AUGUSTO, A. P. **A Representação Simbólica de Travestis na Mídia: Uma análise do Período entre 2000 e 2014 no Jornal Folha de S. Paulo**, Dissertação (Mestrado) – UNESP - FAAC, Bauru, 2017. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/153448/augusto\\_ap\\_me\\_bauru\\_sub.pdf?sequence=8&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/153448/augusto_ap_me_bauru_sub.pdf?sequence=8&isAllowed=y) Acesso em: 01 ago. 2021

BUCCHIONI, Tulio Heleno de Aguiar. **Laerte 'vestido de mulher': uma investigação sobre a representação de gênero e sexualidade na mídia**. 2016. 158 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em:  
[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-13032017-105701/publico/2016\\_TulioHelenoDeAguiarBucchioni\\_VersaoCor.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-13032017-105701/publico/2016_TulioHelenoDeAguiarBucchioni_VersaoCor.pdf). Acesso em: 12 ago. 2021.

DE BAÉRE, F.; CONCEIÇÃO, M. I. G. Análise da produção discursiva de notícias sobre o suicídio de LGBTs em um jornal impresso do Distrito Federal. **Revista Ártemis - Estudos de Gênero, Feminismos e Sexualidades**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 74–88, 2018. Disponível em:  
<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/37229>. Acesso em: 9 ago. 2021.

DE OLIVEIRA, Leonardo Davino. Voz, literatura, política e outras travestilidades do corpo trans-nacional. **Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 25, n. 45, p. 579-596, 2018. Acesso em: 09 ago. 2021

DIAS, Roberto Barros. **Identidade de gênero trans e contemporaneidade: representações sociais nos processos de formação e educação**. 2015. 135 f. Tese (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Mato Grosso, Campo Grande, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/2680>. Acesso em: 12 ago. 2021.

FREITAS, J. C. L.; CARVALHO, C. A. **Jornalismo e a Promoção da Violência e da Abjeção contra Travestis** Belém, set. 2019. Disponível em:  
<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1902-1.pdf> Acesso em: 01 ago. 2021

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016

MELO, Iran Ferreira de. **Ativismo LGBT na imprensa brasileira: análise crítica da representação de atores sociais na Folha de S. Paulo**. 2013. 385 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filologia e Língua Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em:  
[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-04072013-100403/publico/2013\\_IranFerreiraDeMelo.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-04072013-100403/publico/2013_IranFerreiraDeMelo.pdf). Acesso em: 12 ago. 2021.

MORAES, Fabiana. “Pode a subalterna a subalterna calar? Limites e transbordamentos entre repórter e entrevistadas”. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vol. 15, nº 1, setembro de 2018, p. 84–97. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2018v15n1p84> Acesso em: 09. ago. 2021

---

NASCIMENTO, R. N. A. (2019). Novas formas de ser: mídia e transexualidade a partir de Narrativas de (re) construção Identitária. **Revista FAMECOS**, 26(1), e30398. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2019.1.30398> Acesso em: 09 ago. 2021

PICCHIAI, D. Q. **Ditos sobre e ditos por: o rasgo afetivo das mulheres trans nos discursos midiáticos**. 2019. 130 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22484> Acesso em: 01 de Agosto de 2021

REVELAÇÃO (Disclosure). Direção de Sam Feder. Produção de Sam Feder, Amy Scholder. Realização de Netflix. Música: Francesco Le Metre. Estados Unidos: Field Of Vision, Bow And Arrow, Entertainment, Level Forward, 2020. (100 min.). Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81284247>. Acesso em: 09 set. 2021.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro; MATTOS, Georgia. “As representações midiáticas da transexualidade na telenovela A força do querer”. **Intexto**, vol. 0, nº 49, abril de 2020, p. 214–32. Disponível em: <https://doi.org/10.19132/1807-8583202049.214-232> Acesso em: 09 ago. 2021

TRAQUINA, N. **Porque as notícias são como são**. 1. ed. Florianópolis, SC: Insular Livros, (Coleção Teorias do Jornalismo, v.1), 2020